



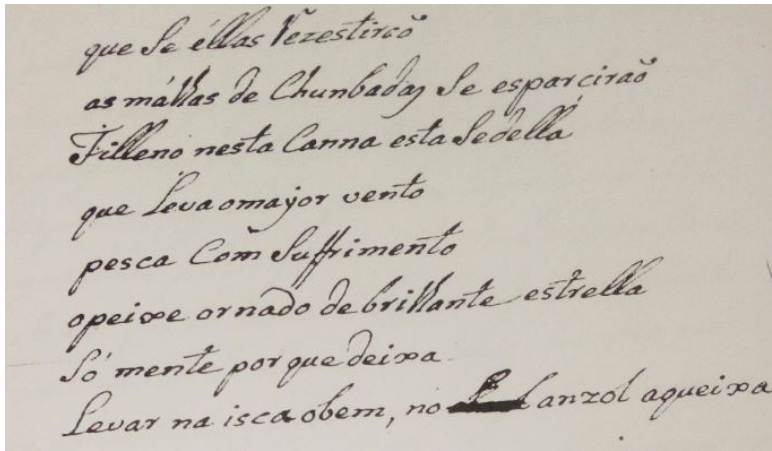
Beliandro. Parte III- Poema

Fac-símile

[263-264]

Lisino, se esta ausencia menão mata
de que me serve a vida
donde millor perdida
que a longe eternamente se dilata
Sebem de ditosa sorte
ter tua vida para tanta morte
Aj Filleno se a vida me faltara
de que me serve apenas
onde o que amor ordena
aminha paciencia exercitara
Se a Caba o sentimento.
Como e de merecer o soffimento.

Lisino, se estas vedes embaraca
Omá's sem se romperem
E por que já máj que rem
detes as Linhas que por ellas passão



Edição paleográfica

[263] Lirino, se esta auzença me não mata | de que me serve a vida | donde melhor perdida
| que ahonde iternamente se dillata | se bem hé ditoza sorte | ter hua vida para tanta morte
| Ay Filleno se a vida me faltara | de que me serve a penna | honde o que amor Ordena | a
minha paciência exercitara | se acaba o sentimento | como ha de mereçer o soffrimento. |
Lisino, se estas redes embaraça | o már sem se romperem | he por que já mais querem |
deter as linfas que por ellas passaõ [264] que se éllas rezestiraõ | as mállas de chunbadas se
esparçiraõ | Filleno nesta canna esta se della | que leva o mayor vento pesca com suffimento
| o peixe ornado de brilhante estrella | sómente por que deixa | levar na isca o bem, no [uma
palavra riscada] anzol a queixa.

Edição crítica

[263] Lirino, se esta auzência me não mata,
de que me serve a vida
donde melhor perdida
que aonde iternamente se dilata,
se bem é ditoza sorte
ter ua vida para tanta morte?
Ay Fileno, se a vida me faltara,
de que me serve a pena
onde o que amor ordena
a minha paciência exercitara?
se acaba o sentimento,
como há de merecer o sofrimento?

Lisino, se estas redes embaraça
o mar sem se romperem
é porque jamais querem
deter as linfas que por elas passam,
[264] que se elas rezestiram



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

as malhas de chumbadas se esparciram.
 Fileno, nesta cana esta sedela
 que leva o maior vento
 pesca com sufrimento
 o peixe ornado de brilhante estrela
 samente porque deixa
levar na isca o bem, no anzol a queixa.

Modo de citação: Aurelio VARGAS DÍAZ-TOLEDO, “Crónica do Imperador Beliandro III: composições poéticas”, em *O Universo de Almorol. Base de dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVIII* (<http://www.universodealmourol.com/>), 2017.

